



FACULDADE PERNAMBUCANA DE SAÚDE – FPS
GRADUAÇÃO EM MEDICINA

LARISSA VIEIRA CUSTÓDIO NEVES

**FOLKCOMUNICAÇÃO EM SAÚDE NA FORMAÇÃO MÉDICA - DO
ATENDIMENTO AMBULATORIAL À COMUNICAÇÃO MUDIÁTICA: UM
RELATO DE EXPERIÊNCIA EM UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR DE
REFERÊNCIA NO NORDESTE DO BRASIL**

Recife

2025

LARISSA VIEIRA CUSTÓDIO NEVES

**FOLKCOMUNICAÇÃO EM SAÚDE NA FORMAÇÃO MÉDICA - DO
ATENDIMENTO AMBULATORIAL À COMUNICAÇÃO MUDIÁTICA: UM
RELATO DE EXPERIÊNCIA EM UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR DE
REFERÊNCIA NO NORDESTE DO BRASIL**

Artigo científico submetido ao XVI Congresso
Estudantil da Faculdade Pernambucana de
Saúde - FPS, como requisito à apresentação do
Trabalho de Conclusão de Curso.

Linha de pesquisa: Estratégias, ambientes e produtos educacionais inovadores.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Paulo Procópio de Oliveira Santos

Equipe de Autoria: Larissa Vieira Custódio Neves

Maria Eduarda Souza Malheiros Feliciano

Maria Eduarda Cabral da Costa Aragão

Recife

2025

PARTICIPANTES DA PESQUISA

Maria Eduarda Souza Malheiros Feliciano

Estudante de graduação do 9 período do curso de Medicina da Faculdade Pernambucana de Saúde

<https://orcid.org/0009-0004-1037-1945>

Maria Eduarda Cabral da Costa Aragão

Estudante de graduação do 9º período do curso de Medicina da Faculdade Pernambucana de Saúde

<https://orcid.org/0009-0005-2509-0895>

Larissa Vieira Custódio Neves

Estudante do 9º período do curso de Medicina da Faculdade Pernambucana de Saúde.

<https://orcid.org/0009-0003-2374-669X>

Pedro Paulo Procópio de Oliveira Santos

Pós-doutor em Comunicação, com doutorado e mestrado pela UFPE. Jornalista e psicanalista, com experiência em ensino de Comunicação, Marketing e Inglês em diversas instituições de Recife, incluindo a Faculdade Pernambucana de Saúde.

RESUMO

Introdução: Este relato de experiência analisa a relevância da folkcomunicação em saúde na formação médica, destacando seu papel na integração de práticas comunicacionais do atendimento ambulatorial à comunicação midiática. O estudo parte do problema da dificuldade de comunicação entre médicos e comunidades, buscando estratégias para promover um diálogo mais assertivo e humanizado. **Metodologia:** Pesquisa qualitativa realizada por observação participante no curso de Medicina de uma instituição do Nordeste do Brasil, envolvendo atividades acadêmicas como atendimentos simulados, oficinas de comunicação e produções midiáticas. A análise interpretativa considerou experiências vividas, registros reflexivos e discussão teórica. **Fundamentação Teórica:** A folkcomunicação contribui para superar barreiras culturais e linguísticas, integrando saberes populares e protocolos clínicos. Sua aplicação fortalece a escuta ativa, a empatia e a comunicação adaptada às realidades socioculturais dos pacientes. **Relato de Experiência:** Estudantes aplicaram estratégias de folkcomunicação em contextos clínicos e midiáticos, aumentando compreensão, engajamento e postura humanizada desde os primeiros anos acadêmicos. **Conclusão:** A folkcomunicação é ferramenta estratégica para formar médicos culturalmente sensíveis, promovendo comunicação eficaz, vínculo médico-paciente fortalecido e cuidado integral.

Palavras-chave: Saúde pública; Folkcomunicação; Humanização; Relação médico e paciente.

ABSTRACT

Introduction: This experience report analyzes the relevance of folk communication in health within medical education, highlighting its role in integrating communicational practices from outpatient care to media communication. The study addresses the problem of communication difficulties between physicians and communities, aiming to identify strategies for promoting more assertive and humanized dialogue. **Methodology:** Qualitative research conducted through participant observation in the medical course of a higher education institution in Northeast Brazil, involving academic activities such as simulated consultations, communication workshops, and media productions. Interpretative analysis considered lived experiences, reflective records, and theoretical discussion. **Theoretical Framework:** Folk communication helps overcome cultural and linguistic barriers by integrating popular knowledge and clinical protocols. Its application strengthens active listening, empathy, and communication adapted to the patients' sociocultural realities. **Experience Report:** Students applied folk communication strategies in clinical and media contexts, enhancing understanding, engagement, and humanized approach from the early years of academic training. **Conclusion:** Folk communication is a strategic tool to train culturally sensitive physicians, promoting effective communication, strengthened doctor-patient relationships, and comprehensive care.

Keywords: Public Health; Patient Education as Topic; Health Communication; Physician-Patient Relations; Cultural Competency.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	METODOLOGIA	8
3	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	9
3.1	Um Breve Panorama da Folkcomunicação em Saúde	11
3.2	A Formação Médica Contemporânea	11
4	RELATO DE EXPERIÊNCIA	12
5	CONCLUSÕES	13
	REFERÊNCIAS	15

1. INTRODUÇÃO

Este estudo tem como objetivo destacar a importância da compreensão da folkcomunicação e como seus instrumentos podem contribuir para aprimorar a comunicação entre profissionais de saúde e diferentes perfis de pacientes, em diversos contextos de atenção à saúde, desde o atendimento ambulatorial até a comunicação midiática ^{1,2}.

Para começar, é importante entender o que é a folkcomunicação. Trata-se de uma teoria formulada por Luiz Beltrão, um pernambucano pioneiro nos estudos em comunicação social com ênfase nas expressões da cultura popular no Brasil ¹. Essa teoria reconhece que a comunicação não se limita aos meios tradicionais de comunicação de massa, mas também envolve as trocas culturais e as expressões populares presentes nas comunidades. Exemplos disso incluem rodas de conversa, grupos comunitários e o uso de mídias locais, que facilitam a compreensão e o compartilhamento de saberes, mesmo entre pessoas sem formação técnica específica ^{2,4}.

A relevância da folkcomunicação na área da saúde é grande, pois ela reforça a importância de incluir os meios e agentes populares como canais de troca de informações e saberes ^{3,4}. Isso é fundamental para uma comunicação mais efetiva, especialmente considerando que, por muito tempo, a formação em saúde no Brasil foi centrada em um modelo biomédico, focado na doença, nos saberes técnicos e científicos, muitas vezes negligenciando o diálogo com o paciente e seus saberes culturais ^{3,5}. Atualmente, percebe-se que uma comunicação mais humanizada e culturalmente sensível pode melhorar significativamente a relação médico-paciente, promovendo maior compreensão e confiança ^{3,5}. Este relato de experiência foi realizado por meio de uma observação participante, uma metodologia que permite ao pesquisador acompanhar de perto as interações e dinâmicas de comunicação em contextos reais de atenção à saúde ^{2,3}. Essa abordagem possibilita uma compreensão mais aprofundada de como a folkcomunicação pode ser aplicada na prática, contribuindo para uma comunicação mais empática, inclusiva e ética ^{3,4}.

A importância desse trabalho reside em evidenciar que a incorporação da folkcomunicação na formação e na prática médica pode promover uma abordagem mais humanizada, valorizando os saberes culturais dos pacientes e fortalecendo o vínculo entre eles e os profissionais de saúde ^{2,3}. Assim, essa pesquisa reforça a necessidade de ampliar o repertório dos profissionais, para que atuem de forma mais sensível às particularidades culturais e sociais de cada indivíduo, promovendo o bem-estar integral, conforme preconizado pela Organização Mundial da Saúde, que define saúde como um estado de completo bem-estar físico, mental e social ⁵.

Em suma, ao inserir a folkcomunicação no cotidiano da atenção à saúde, seja no atendimento clínico ou na comunicação midiática, contribuímos para uma formação médica mais comprometida com a realidade sociocultural dos pacientes, fortalecendo a comunicação como um eixo fundamental do cuidado, da cidadania e do ensino²⁻⁴. Dessa forma, promovemos uma prática mais humanizada, empática e ética, essenciais para o cuidado integral e a promoção da saúde^{3,5}.

2. METODOLOGIA

Este artigo caracteriza-se como um estudo qualitativo, de abordagem etnográfica, desenvolvido a partir de um relato de experiência vivenciado por docentes e estudantes de um curso de Medicina em uma instituição de ensino superior de referência no Nordeste do Brasil. A pesquisa insere-se no campo da Folkcomunicação em Saúde, analisando práticas comunicacionais em contextos ambulatoriais e midiáticos, à luz da interlocução entre cultura popular e processos formativos no ensino médico.

A metodologia fundamentou-se em observação participante, realizada pelos próprios autores — docentes e discentes — ao longo de atividades acadêmicas que integraram atendimentos ambulatoriais, oficinas de comunicação, produções midiáticas e momentos reflexivos em sala de aula. A participação ativa dos pesquisadores no cotidiano das ações, enquanto sujeitos do processo, permitiu uma análise aprofundada das práticas comunicacionais adotadas e das suas ressignificações no contexto formativo.

A construção analítica do estudo dialoga diretamente com os referenciais teóricos da Folkcomunicação, especialmente os aportes de Beltrão (1980), Amphilo (2011) e Santos (2024), permitindo compreender como elementos da cultura popular permeiam e transformam as práticas comunicacionais em saúde. Adicionalmente, foram incorporadas as contribuições de Botelho e Ferreira (2011), no que concerne às interfaces entre folk media e social media, e o Modelo Calgary-Cambridge (Dohms; Tesser; Grossemann, 2013), utilizado como referência para práticas comunicativas no âmbito da atenção básica.

A análise seguiu uma abordagem interpretativa, fundamentada na triangulação entre as experiências vividas, os registros reflexivos (diários de campo e relatórios) e as discussões teóricas, buscando evidenciar as potencialidades da folkcomunicação como estratégia formativa e comunicacional na formação médica.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A Folkcomunicação é uma disciplina científica brasileira que estuda a comunicação que acontece entre os públicos marginalizados (rurais e urbanos) e os meios de comunicação de massa, utilizando-se de agentes e meios direta ou indiretamente ligados à cultura popular¹. Essa teoria foi desenvolvida pelo professor Luiz Beltrão em 1967, visando a necessidade de entender como as mensagens da mídia tradicional (rádio, TV, jornais) eram recebidas e processadas por populações que não tinham acesso ou se identificavam plenamente com os veículos de comunicação hegemônicos¹. A partir dessa ideia, Amphilo afirma que é indiscutível a necessidade de incluir a aplicabilidade dessa metodologia em algumas áreas do cotidiano dos indivíduos, como por exemplo na atuação da prática médica, uma vez que os profissionais se deparam com diversas crenças, saberes e linguagens dos pacientes e necessitam de um diálogo compreensível para transmitir informações².

Para uma boa escuta ativa, é preciso que o profissional médico se dedique a ouvir, entender e buscar ajudar o paciente da melhor forma possível por intermédio da transmissão de informações. A folkcomunicação, dessa maneira, atua como fator intermediador dessa relação à medida que propõe um desenvolvimento do diálogo, uma integração social e a fluidez bidirecional de informações desde o espaço ambulatorial até à comunicação midiática⁴.

Segundo Santos, a introdução dessa prática entre médico e paciente resulta no rompimento de barreiras comunicacionais, sendo capaz de projetar uma melhora na consciência em saúde do indivíduo e da sociedade³. A melhoria da qualidade das informações de saúde transmitidas à população, seja durante o contato direto entre o profissional e o usuário ou por meio de canais que utilizam o poder da imprensa socialmente engajada, contribui para uma melhor prevenção de doenças, tratamentos mais eficazes e entendimento da condição de saúde no âmbito bio-psico-social-espiritual³.

Ainda segundo Santos, embora a formação médica no Brasil seja um processo longo e desafiador, a internalização da folkcomunicação é fundamental para preparar profissionais completos para atender diversas necessidades de saúde da população³. Por muito tempo a medicina foi centrada na doença e negligenciava fatores sociais e psicológicos; atualmente, percebe-se uma evolução para um olhar holístico e humanizado, pautado em princípios éticos, formando médicos capazes de atuar com reflexão crítica sobre o bem-estar do paciente³.

A Folkcomunicação entra como elemento terapêutico no acolhimento em saúde, especialmente para pacientes vulneráveis socioeconomicamente³. Na Faculdade Pernambucana de Saúde, em Recife-PE, há uma disciplina de laboratório nos dois primeiros anos que fomenta

a educação e formação comunicacional visando um acolhimento integral, gerando confiança e compreensão, essenciais para a adesão aos tratamentos³.

Nas aulas do laboratório, os estudantes aprofundam o conhecimento teórico sobre protocolos médicos de comunicação e participam de simulações práticas de atendimentos clínicos e de interações midiáticas, sendo desafiados a aplicar tais protocolos em diferentes contextos sociais e culturais, desenvolvendo habilidades comunicacionais sensíveis às realidades populares³. A utilização da linguagem folkcomunicacional nesse processo permite que a abordagem médica seja mais acessível, empática e alinhada às formas de expressão dos diversos públicos³.

O método Calgary-Cambridge é utilizado como ferramenta para que os alunos identifiquem a importância e apliquem os conhecimentos em sua formação. Esse protocolo prevê cinco passos para construção de uma relação interpessoal médico-paciente, facilitando a adesão ao tratamento graças à relação empática criada desde o início do atendimento⁵. Conforme Dohms, Tesser e Grosseman, o primeiro passo é direcionado a conhecer o paciente, com contato visual e espaço de fala, fundamental para garantir efetividade e comunicação durante toda a consulta⁵.

A interseção entre o Protocolo Calgary-Cambridge e a folkcomunicação permite o cruzamento entre técnica e cultura na comunicação em saúde. Enquanto o protocolo oferece estrutura sistematizada para entrevistas clínicas, promovendo escuta ativa, empatia e clareza, a folkcomunicação introduz elementos populares e informais – saberes tradicionais, expressões culturais e narrativas locais – ampliando a capacidade do profissional de interpretar não apenas o quadro clínico, mas também os significados subjetivos atribuídos à doença e ao cuidado, favorecendo vínculos mais sólidos, especialmente em comunidades marcadas por desigualdades³.

Outro ponto importante é a relação entre folkcomunicação e comunicação midiática, que atua como ponte entre saber tradicional e fluxos comunicacionais contemporâneos, incluindo TV, rádio e plataformas digitais. Essa ferramenta se torna inclusiva e culturalmente acessível através de linguagens simples, músicas, narrativas orais, símbolos e crenças, aumentando a confiança nas mensagens transmitidas⁴.

Exemplos incluem campanhas de saúde que usam linguagem simplificada, cordéis, rimas populares, radionovelas e influenciadores locais para disseminar informações de saúde, reforçando o engajamento da população e tornando a comunicação mais eficaz e sensível à realidade sociocultural⁴.

Em essência, a Folkcomunicação é fundamental para compreender como a comunicação se manifesta em diferentes contextos de saúde no Brasil, valorizando vozes populares e

promovendo a interação entre usuários e profissionais⁴. Uma formação médica que integra esses elementos prepara profissionais mais sensíveis e capacitados, fortalecendo a comunicação em saúde para diferentes populações⁵.

3.1 Um breve panorama da Folkcomunicação em Saúde

A Folkcomunicação não apenas faz a ponte entre o conhecimento do povo e os experts da saúde, mas também capacita a comunidade, dando às pessoas o poder de espalhar informações de saúde. Estudos novos mostram que agentes comunitários, líderes da região e grupos populares conseguem passar mensagens que se encaixam na cultura e na língua de onde vivem, criando um aprendizado contínuo e um envolvimento maior (Botelho & Ferreira, 2011).

Um ponto importante é que a Folkcomunicação consegue pegar informações complicadas sobre saúde e deixá-las fáceis de entender, usando histórias, peças teatrais e símbolos que fazem parte do dia a dia das pessoas. Isso ajuda a lembrar das informações e incentiva a cuidar da saúde sem precisar só de campanhas oficiais.

Além disso, o que se lê por aí diz que juntar a Folkcomunicação com a internet e as redes sociais faz com que essas práticas cheguem a mais gente, criando uma comunicação entre diferentes gerações e lugares. Fazer vídeos curtos, podcasts da comunidade e mandar mensagens pelo celular faz com que as informações de saúde se espalhem rápido, respeitando a cultura local e aumentando a confiança nas mensagens recebidas.

Assim, a Folkcomunicação na saúde não serve só para ajudar na consulta, mas também como ferramenta para políticas de saúde que envolvem a participação de todos, criando um diálogo constante entre profissionais, administradores e comunidades, promovendo a saúde pública de um jeito que faz sentido para cada lugar e respeita a cultura local.

3.2 A formação médica contemporânea no Brasil

No cenário atual do ensino médico no Brasil, além de integrar saberes da Folkcomunicação com os protocolos clínicos, há um foco no aprimoramento das habilidades de comunicação em espaços coletivos e comunitários. As aulas e laboratórios vão além das simulações de consultas individuais, incentivando atividades como educação em saúde para grupos, debates com a comunidade, rodas de conversa e oficinas de mídia, preparando os futuros médicos para interagir em variados contextos socioculturais.

Acrescentando a isso, o desenvolvimento de uma visão crítica e da reflexão ética é essencial para entender os obstáculos estruturais e culturais que impactam o acesso e a adesão aos serviços de saúde. A formação atual ressalta a importância de entender os fatores sociais,

as desigualdades e as práticas tradicionais de cuidado, permitindo que os médicos do futuro ajam com sensibilidade e criatividade, tanto no cuidado individual quanto na promoção de ações de saúde na comunidade.

Os estudos também mostram a importância de iniciativas que unam Medicina, Comunicação e Ciências Sociais. Ao entender como os diferentes conhecimentos se conectam, os estudantes conseguem criar formas de comunicação adequadas ao contexto, que dialogam com o saber popular, mas sem deixar de lado o conhecimento científico. Isso amplia a atuação do médico, que passa de um mero informante a um facilitador de processos educativos na área da saúde.

Em conclusão, a formação médica de hoje no Brasil demonstra a necessidade de preparar profissionais capazes de usar diversos canais de comunicação, desde o atendimento individual até as mídias digitais e comunitárias, usando estratégias de Folkcomunicação que respeitem e valorizem a diversidade cultural da população, reforçando o papel da comunicação como um ponto essencial do cuidado completo.

4. RELATO DE EXPERIÊNCIA

No laboratório de Comunicação da FPS, no Recife, os futuros médicos acham um ambiente de estudo que junta teoria, prática e Folkcomunicação. Este relato traz a visão do monitor, que acompanha de perto os workshops, as simulações e as interações entre os alunos, vendo não só o que aprendem, mas também como mudam nesse processo. Nas tarefas, os alunos tomaram parte em simulações de consultas e workshops, usando padrões como o Calgary-Cambridge junto com os recursos da Folkcomunicação. Por vezes, foram incentivados a adaptar a linguagem médica às culturas, usando histórias populares, peças e exemplos comuns para facilitar o entendimento de temas de saúde.

Durante essa experiência, ficou clara a evolução dos alunos em pontos como a escuta ativa e a empatia. Eles passaram a dar valor ao conhecimento popular e à cultura no papo com o paciente, entendendo que a consulta é mais que técnica: tem um olhar social e humano. Outro ponto forte foi a maior confiança. Ao estarem em situações simuladas e ao lidarem com tipos de pacientes, os alunos pareceram mais seguros para fazer consultas, ajustar a linguagem e mudar a comunicação conforme o local. Essa fase também trouxe um senso maior de ética, mostrando o papel do médico como elo entre a ciência e os saberes populares.

A Folkcomunicação mostrou-se uma ferramenta chave para atuar em lugares além do consultório: campanhas, ações em grupos e mídias locais ou online. Os alunos viram que essas ideias aumentam o alcance das mensagens de saúde, ajudam a seguir os tratamentos e fortalecem a ligação com a comunidade.

Apesar dos avanços, houve também problemas. Alguns alunos tiveram dificuldade em juntar os aspectos culturais à comunicação formal, pedindo mais treino e reflexão. A experiência mostrou que a Folkcomunicação não deve ser feita de forma automática, mas como prática ética, ligada a cada lugar. Em resumo, o trabalho no Laboratório de Comunicação da FPS mostrou como a Folkcomunicação ajuda a formar médicos mais empáticos, ligados à cultura e prontos para mudar a comunicação para cada pessoa. Para o monitor, os resultados vão além das técnicas: mostram uma mudança de postura, uma nova visão sobre as culturas e um compromisso com a saúde inclusiva e humana.

5. CONCLUSÕES

Em síntese, este estudo evidencia o potencial da folkcomunicação como ferramenta estratégica na formação médica, fortalecendo a articulação entre saberes populares e práticas comunicacionais tanto no atendimento ambulatorial quanto na comunicação midiática. A experiência relatada em uma instituição de ensino superior de referência no Nordeste do Brasil demonstra que integrar elementos da cultura popular ao processo formativo favorece a construção de médicos mais empáticos, éticos e culturalmente sensíveis, preparados para dialogar com diferentes perfis de pacientes e comunidades.

Os resultados sugerem que a vivência prática em laboratórios de comunicação amplia a escuta ativa, a autoconfiança e a reflexão crítica dos estudantes, ao mesmo tempo em que questiona os limites do modelo biomédico tradicional. A valorização dos saberes culturais fortalece o vínculo médico-paciente e transforma a consulta em um espaço de cuidado integral, que considera não apenas aspectos técnicos, mas também dimensões sociais e humanas.

Do mesmo modo, a inserção da folkcomunicação em campanhas e mídias comunitárias amplia o alcance das mensagens em saúde, promovendo ações educativas mais acessíveis e inclusivas. Essa perspectiva prepara futuros médicos para atuarem dentro e fora do consultório, contribuindo para políticas de saúde mais participativas e conectadas à realidade sociocultural brasileira.

Por se tratar de um campo em expansão, este trabalho oferece reflexões iniciais e caminhos metodológicos. Pesquisas futuras poderão aprofundar o impacto da folkcomunicação

na formação médica e propor estratégias sistematizadas para consolidar sua aplicação tanto no ensino quanto na prática assistencial.

REFERÊNCIAS

1. **Beltrão L.** *Folkcomunicação: uma introdução ao estudo da comunicação popular no Brasil*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; 1980.
2. **Peruzzo CMK.** *Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania*. Petrópolis: Vozes; 1998.
3. **Tesser F, Grosseman R.** *Calgary-Cambridge: guia para a entrevista médica*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina; 2005.
4. **Peruzzo CMK.** *Folk media and social media: estratégias comunicacionais inclusivas*. *Revista Internacional de Folkcomunicação*. 2016;14(32):8-21.
5. **Dohms M, Tesser F, Grosseman R.** *Calgary-Cambridge guide to the medical interview*. 2nd ed. Oxford: Radcliffe Publishing; 2013.